

Aqui, ali e em todo lugar

Luiz Carlos Corrêa Carvalho♦

Relativamente poucos dias atrás, neste jornal, ex-Governador de São Paulo mostra a sua preocupação com o processo de desindustrialização do país, questiona *“nada contra a brilhante expansão da produção e da exportação de bens agrominerais. Mas alguém acredita, e demonstra, que, além do papel estratégico na geração de divisas, esse setor poderia tornar-se o eixo dinâmico de um país continental, de 200 milhões de habitantes?”*. É preciso avaliar isso. Em época antecipada da disputa eleitoral de 2014, seus comentários foram provavelmente, uma crítica às faltas de política pública no nível macroeconômico e no nível industrial. Com estes comentários, no entanto, fica a imagem do Brasil como mero exportador de commodities. Talvez muitos ainda leiam os textos do passado ou se converteram em figuras tão urbanas que veem a agricultura brasileira como algo distante das cidades, sem conexão com indústrias e com pequeno poder de voto. Essa visão clássica, em texto brilhante de Evaristo Miranda em seu livro recém lançado *“Agricultura no Brasil no Século XXI”*, precisa ser esquecida, pois é atrasada, preconceituosa e revela, em tons até agressivos, o desconhecimento do Brasil. É a visão dos pedaços estanques, de quem vê o altar da igreja mas não a vê nos centros das cidades, de quem repete números da safra agrícola mas não consegue ver a sociedade inteira participando dela, para quem vê meio ambiente como um conceito nascido nas urbes, no meio de intelectuais sem raízes, pois todos vieram de um modo ou de outro do meio produtivo ligado à agricultura, ao agronegócio. Fica, para a imensa população brasileira que luta e vive riscos no campo, a ideia de um setor menos importante.....

Há, porém, um discurso comum: O Brasil é competitivo no agronegócio! No entanto, é importante salientar a enorme evolução havida na tecnologia agroindustrial brasileira, graças ao processo de inovação e do empreendedorismo no agronegócio, por pequenos, médios e grandes agricultores e indústrias correlatas, nacionais e internacionais. A liderança do agronegócio tropical é brasileira e continuará sendo se depender da lógica das limitações físicas, dos países e da competência das organizações de pesquisa atuando no Brasil.

A discussão global no Século XXI gira em torno dos riscos das inseguranças alimentar e energética. Ambos setores definem paz ou guerra. Até 2050, novos 2 bilhões de pessoas vão ao consumo, cobrando alimentos e energias produzidas de forma sustentável e de forma competitiva. A FAO, juntamente com a OCDE, organização dos países desenvolvidos, convocou o Brasil a responder por 40% da oferta adicional de alimentos. Além do tamanho e do potencial do Brasil em produzir, salta aos olhos do mundo o fato que o país expande constantemente a sua oferta mesmo retraindo, anualmente, nos últimos 2 anos, 2 milhões de hectares! Isso é competitividade!

Há 20 anos atrás, Ney Bittencourt criou, com companheiros progressistas, a entidade do agronegócio a ABAG, seguindo o conceito lançado em Harvard das cadeias produtivas. A definição de elos da cadeia que vão de bens de capital e insumos,

♦ Presidente da ABAG – Associação Brasileira do Agronegócio.

passando pela produção agrícola e industrial, indo à distribuição, atacado e varejo, incluída as exportações, explicava o peso e a importância da agroindústria brasileira, o agronegócio, hoje ¼ do PIB brasileiro.

Às vezes, aos desavisados ou interessados, conceitos assim como leis, não “pegam”. Não é esse o caso! É, de fato, falta de informação.

Segundo Ignacy Sachs, cientista internacional e que conhece profundamente o Brasil, na Revista Estudos Avançados da USP, comenta que *“este país possui a maior biodiversidade do mundo, uma reserva confortável de solos agrícolas (mesmo que não se toque em uma só árvore da floresta amazônica), climas amenos, vantagens naturais do trópico na produção de biomassa etc. O sol é nosso e assim ficará quaisquer que sejam as vicissitudes do regime político. Ao juntar todas essas coisas pode-se partir para um objetivo extremamente ambicioso, o da construção de uma nova civilização do trópico, baseada no trinômio biodiversidade, biomassa e biotecnologias, estas últimas utilizadas para, por um lado, aumentar a produtividade das biomassa e, por outro lado, abrir o leque dos produtos delas derivados: alimentos, ração, energia, fertilizantes, materiais de construção, matérias-primas industriais, fármacos e cosméticos. É todo um mundo que se pode construir a partir da biomassa, caminhando dessa maneira para um desenvolvimento ecologicamente sustentável”*.

O sucesso do agronegócio norte-americano ou europeu nos séculos passados, já é o do Brasil neste e assim será nos séculos vindouros. E este o grande diferencial que este século reserva ao Brasil: ser a flor da geopolítica de alimentos e de energia, pela potencial de oferta, pelos enormes e positivos impactos na cadeia produtiva, estimulando industriais e agriculturas; pelos resultados da balança comercial brasileira, pela descentralização das ofertas e dos investimentos no interior do país, pelo processo contínuo de inovações tecnológicas, gerando competitividade de forma crescente e sustentável.

Nossos governantes tem separado, em caixas, os negócios. Privilegiam algumas caixas e, há dezenas de anos não investem em logística e infraestrutura. Há, de fato, uma preferência por esse modelo mesmo com atraso de 20 anos. Nosso PIB também vive o pesadelo do limite da tampa da sua caixa, fazendo sofrer a população brasileira, seus investidores e trabalhadores. Tudo isso são barreiras ao agronegócio.

As oportunidades ao Brasil no campo agroindustrial estão não somente desenhadas mas são motivos de convocação das entidades globais, no campo dos alimentos. No da energia renovável somos campeões e liderança apreciada. Afinal, na lei norte-americana de energia, o etanol brasileiro da cana-de-açúcar é considerado avançado e apto para importação. Trata-se do mais importante convite que o Brasil já recebeu, mas, em campanha política, o texto citado de autoridades recentes, por exemplo, ainda vive o ponto de vista de 20 anos atrás.

A nova fase que o mundo viverá, no Século XXI, mostrará as conquistas da ciência, em particular da biologia e da biotecnologia, produzindo alimentos para o homem, os animais, materiais de construção, adubos verdes, hidrocarbonetos verdes, biocombustíveis, matérias primas industriais, fibras, plásticos, fármacos, cosméticos e uma infinidade de produtos. Com eles, empregos qualificados, descentralizados e integrando cada vez mais o país.

É cada vez mais difícil, mesmo para os preconceituosos com a visão das cercanias das cidades, esconder o sucesso e o futuro do agronegócio brasileiro.